

RECADO DE PARIS

RUBEM BRAGA

PARIS, abril — Continuando a folhear o "Dicionário dos Contemporâneos" de "Crapouillot" vemos uma nota mais ou menos cordial: o atual primeiro-ministro, sr. Bidault, que foi sargento na Grande Guerra, professor na província, casou-se com uma mulher notável, Suzy Borel, tem fama de ser um bom copo e por isso é chamado "l'Eminence grise".

Leon Blum, cuja morte recente desolou a França, merece nesse Dicionário escrito ainda quando ele era vivo, uma longa biografia com muitos elogios e algumas ironias. Foi anarquista e moço; e já velho, presidente do Conselho, dizia em discurso oficial que "pode haver na aspereza do desespero anarquista uma especie de grandeza". Quando publicou seu livro sobre o casamento, teve o cuidado de dedicá-lo à sua esposa dizendo que era um marido feliz; viuvo duas vezes casou-se pela terceira vez com a ex-esposa de Henry Torrès (o advogado que esteve no Brasil durante a guerra). Daudet escreveu que ele era "a Revolução com luvas cinza-perolas", Bellesort disse que ele era "mais intelectual que inteligente" e Gide achava nele "demasiada inteligencia, mas não bastante personalidade". Nos momentos dramaticos da derrota "portou-se como um estoico"; foi o autor das melhores leis sociais da França e tambem um dos franceses mais injuriados, nestes ultimos 30 anos, pela imprensa da extrema direita e da extrema esquerda.

Henry Bordeaux (que eu nunca pensei que ainda fosse vivo) nasceu em 1871 e ganha apenas poucas linhas do "Dicionário" e Braque é chamado "primeiro artezão da França"; Camus foi vendedor de peças de automovel, corretor marítimo e empregado de Prefeitura.

Carco é tratado com um certo carinho, mas censurado por colaborar às vezes em um jornal comunista — o que mostra a excessiva preocupação politica do "dicionário", que lhe tira muito valor. Ficamos sabendo que Blaise Cendrars saiu aos 15 anos de Paris para Moscou e foi até a China, e depois disso fez varias vezes a volta ao mundo como caixeiro-viajante, marinheiro e pesquisador de petroleo, mas acha que agora há demasiadas formalidades para viajar e nem sequer tem um automovel: tem um burro. Foi malabarista com Charles Chaplin em 1908, perdeu um braço na Guerra, ganhou de Maurice Barrés um braço mecanico e o perdeu tambem na estação de Saint-Lazare; anuncia que está escrevendo dez volumes de memorias e traduziu "A Selva", de Ferreira de Castro, para o francês.

Quanto a Paul Claudel (nascido em 1868) é chamado "um grande poeta, suntuoso e raro", mas "confuso por natureza" e compôs em 27 de dezembro de 1940 uma "Ode ao marechal Pétain" e em 23 de dezembro de 1944 uma "Ode ao general De Gaulle" — o que, mesmo para um velho funcionario, é excessivo. O antigo embaixador da França no Japão e no Rio declarou certa vez que "se eu fosse recomeçar minha carreira queria ser merceeiro, o que permite à gente apalpar as coisas mais agradáveis e mais variadas e ao mesmo tempo ver toda a especie de pessoas". Membro altamente remunerado do Conselho de uma grande fabrica de motores, ele "usa o prestigio de S. Tomás de Aquino e de Rimbaud para juntar o reconhecimento do clero ao dos "snobs".

Deixo para outra cronica mais alguns nomes desse dicionário às vezes injusto, mas sempre interessante.

24.4.50